



A ESPECIFICIDADE DA TRANSCRIÇÃO COM BASE ENUNCIATIVA NA CLÍNICA FONOAUDIOLÓGICA

Luiza Milano Surreaux¹
Vanessa Felipe de Deus²

1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo abordar, a partir da visão enunciativa de Émile Benveniste (1989, 1991), a especificidade da transcrição linguística de dados de falantes com distúrbios de linguagem. A hipótese principal considera que a transcrição linguística de dados de distúrbios de linguagem decorre, de um lado, da instância enunciativa em que o dado é produzido (a cena clínica) e, de outro, do fato de a transcrição ser também o produto de um ato de enunciação (Benveniste, 1989). Sendo assim, no ato de transcrição, estão em jogo dois enunciadorees: o que fala (na cena) e o que transcreve. Por isso, deve-se levar em consideração sempre o fato de que a transcrição implica o transcritor. Nesse trabalho daremos ênfase ao papel do transcritor (ou de diferentes transcritores) na realização da transposição oral-escrita de dados de falas sintomáticas. As perguntas que norteiam nossa reflexão são: a) que aspectos diferenciam uma transcrição de outra? b) que aspectos determinam que diferentes ouvintes/falantes de uma língua produzam transcrições heterogêneas de um mesmo segmento oral? São esses interrogantes que levam a investigar a transcrição no âmbito da clínica fonoaudiológica e sua especificidade em diferentes transcritores. Partindo do princípio segundo o qual a transcrição e a análise de fatos enunciativos seguem o estatuto do singular no campo da enunciação (Flores 2006: 74), a metodologia deste trabalho analisa

¹ Luiza Milano Surreaux. Doutora em Estudos da Linguagem pelo IL/UFRGS. Professora do IL/UFRGS. surreaux@uol.com.br

² Vanessa Felipe de Deus. Graduanda de Fonoaudiologia e Bolsista BIC/UFRGS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. vanessafelipededeus@hotmail.com



contrastivamente diferentes transcrições do mesmo material de fala de uma criança com distúrbio de linguagem em situação de atendimento fonoaudiológico. O fato linguístico em questão integra o Banco de Dados ENUNSIL (Enunciação e Sintoma na Linguagem), do Instituto de Letras da UFRGS.

2. Posição do problema

O que significa escrever uma fala? Os sujeitos falam e os sujeitos escrevem, mas será que é possível escrever aquilo que se fala? Ao mudar o meio (o canal) da transmissão do oral para o escrito, será que o efeito daquilo que é transmitido se mantém? É esse um dos grandes interrogantes que rondam o ato de transcrição.

O bom senso sugere que no uso corrente deve-se ouvir fala e ler escrita. Ler fala subverte o sistema. Tira-nos a sensação de conhecimento da língua. Porém, na análise de falas ditas desviantes, a reflexão acerca da relação entre a produção oral e o registro dessa produção é um passo necessário. A possibilidade de registro de uma fala sintomática parece andar muito próxima dos efeitos que a leitura dessa mesma fala pode evocar.

A linguística e a fonoaudiologia têm se dedicado exaustivamente ao exercício da tarefa de transcrição. No entanto, embora esses trabalhos sejam de grande rigor científico, muitas vezes não dão conta da abordagem de falas muito idiossincráticas³. Melhor dizendo, a heterogeneidade que marca o campo dos distúrbios de linguagem se apresenta sob formas comunicativas tão distintas que muitas vezes os recursos linguísticos à disposição não dão conta da transcrição desse material (os dados de fala desviante). Compartilhamos dos impasses apresentados por Ingram (1976), Pye, Wilcox & Siren (1988) e Ramos (1991).

³ No campo da linguística, mais especificamente em os autores que se dedicam ao estudo da fala da criança existe sólida reflexão sobre as especificidades da transcrição (como em Lemos, 1986 e em Silva, 2007).



Esses autores, ao trabalharem com a análise linguística de material de fala de sujeitos portadores de distúrbios de linguagem, apontam o quanto é complexo o registro deste material por meio da transposição oral-escrito.

Encontramos na bibliografia disponível recursos fonéticos bastante precisos que auxiliam satisfatoriamente quando se trata de transcrição da fala dita “normal”. Os aportes da fonologia permitem retornar sobre os dados fonéticos com ferramentas que incidem sobre a organização dos fonemas dentro de um ambiente fonológico “X”. Nesse sentido, há já uma tradição de estudos que se dedicam à análise fonética e fonológica de processos característicos da fala dita normal e da fala desviante (em seus componentes fonéticos e fonológicos).

No entanto, o mesmo não pode ser dito da transcrição linguística de dados de *distúrbios de linguagem*. Não há, nem no campo da fonoaudiologia, nem no campo da linguística em geral, reflexão detida acerca das particularidades que estão implicadas nesse tipo específico de transcrição.

De certa forma, o que se percebe – mesmo sem querer generalizar – é a aplicação, aos distúrbios de linguagem, dos métodos de transcrição desenvolvidos no escopo das teorias linguísticas. Porém, uma coisa é certa: os recursos que os linguistas têm a seu dispor não podem ser aplicados diretamente a dados que, explicitamente, fogem ao padrão daqueles estudados pela linguística. *Transcrever o distúrbio de linguagem não é comparável epistemologicamente a transcrever dados de outra natureza.*

Sendo assim, frente a sujeitos com distúrbios de linguagem, atualiza-se um mal-estar para o transcritor: como transcrever padrões de fala que fogem à regra?

Buscaremos, portanto, abordar a especificidade enunciativa da transcrição linguística de dados de falantes com distúrbios de linguagem.

A transcrição linguística de dados de distúrbios de linguagem tem especificidades que decorrem, de um lado, da instância enunciativa em que o dado é produzido e, de outro lado, do fato de a própria transcrição ser também o produto de um ato de enunciação. Em outras palavras, a transcrição é constituída



duplamente na enunciação, uma vez que é um ato enunciativo que decorre de outro ato enunciativo anterior. O presente artigo pretende discutir e desdobrar as particularidades dessa dupla enunciação no contexto da fala sintomática partindo dos seguintes princípios:

1. Os fundamentos epistemológicos nos quais se ancoram as operações de transcrição de dados de distúrbios de linguagem no campo de estudos da fala sintomática são distintos se comparados com os fundamentos que norteiam transcrições de dados orais de outra natureza.

2. Transcrever é enunciar, a exemplo de qualquer outra atividade do sujeito com a linguagem.

3. A relação oralidade-escrita na abordagem da fala sintomática

É de fundamental importância abordar a relação oralidade-escrita na abordagem da fala sintomática, já que o apoio do material escrito é necessário para melhor se avaliar e compreender a forma peculiar com que cada sujeito enuncia. Assim, o respaldo do material transcrito, ou seja, convertido da gravação (seja em áudio ou vídeo) para o registro da escrita, é de suma importância.

O que é importante salientar é que não se trata apenas de um procedimento mecânico de transformação de um meio (oral) em outro (escrito). O que está em jogo nessa transformação é perceber que nessa mudança há perdas e ganhos.

Por um lado, pode-se ilusoriamente imaginar estar higienizando (através da materialidade da escrita) o dado para tratá-lo de uma forma mais apreensível em termos linguísticos. Ou seja, tomando como referência o falante adulto “normal”, procede-se a um tratamento dos dados que vai na direção de apoiar a escuta na normatização da fala do paciente.

Por outro lado, parece fundamental ter presente a impossibilidade de



apreensão total da fala de um sujeito, seja no meio oral ou no meio escrito. Melhor dizendo, há que se resignar enquanto ouvinte e perceber que, daquilo que é falado pelo outro, algo sempre escapa. Embora a transcrição da fala dos sujeitos seja necessária – e diríamos até fundamental – para a análise da fala sintomática, ela não dá conta daquilo que é da ordem do inapreensível que qualquer fala carrega.

Assim, na abordagem da fala sintomática, necessita-se de um apoio material, no caso, um registro gráfico da oralidade para que se possa analisar a fala de pacientes. É necessário buscar um caminho por onde guiar esse registro gráfico, respeitando a noção de linguagem que comporta sua própria incompletude. Melhor dizendo, esse interrogante recai sobre uma pergunta difícil de responder que tem relação com o fato de tentar apreender aquilo que é inapreensível. Ou seja, o apelo à escrita pode ir até onde esbarra na questão da interpretação. Sabendo-se que a interpretação é realizada sempre no *a posteriori*, é sob os efeitos da escrita que se analisará a fala dos sujeitos.

A questão é que, na clínica de linguagem, muitas vezes é o recurso da escrita que permite “escutar”, perceber o que aquela enunciação singular evoca.

Dessa forma, faz-se necessário marcar uma diferença importante entre o contexto oral e o contexto escrito.

Enquanto no contexto oral aquele que enuncia está ali, no contexto escrito quem enunciou não está mais presente. Na realidade, no caso da transcrição, estão em jogo dois enunciadores: o que fala e o que transcreve. Por isso deve-se levar em consideração sempre o fato de que *a transcrição implica o transcritor*, que enuncia de forma muito particular essa passagem do oral para o escrito.

Ao transpormos uma fala para o meio escrito – ou seja, transcrevê-la – é comum nesse processo restar-nos apenas o enunciado. E, em se tratando de clínica de linguagem, temos uma dupla cena a ser desdobrada: a enunciação do paciente no atendimento e a enunciação do terapeuta e/ou do pesquisador na transcrição.



Assim, a transcrição e a análise de fatos enunciativos seguirão o estatuto do singular no campo da enunciação, conforme apontado por Flores (2006: 74):

- Transcrever é condição de análise empreendida em linguística, sendo até mesmo uma etapa da análise.
- A transcrição, vista como ato enunciativo, como um *mostrar* de um *dizer* que comporta, ela mesma, um outro *dizer*, pode ser estendida a estudos de diferentes *corpora*.
- Cada transcrição é sempre única, singular e não linearmente extensível: é o efêmero da enunciação.
- Não há integralidade na transcrição.

Analisar uma fala transcrita levando em conta aportes da teoria enunciativa de Emile Benveniste significa, portanto, recuperar a enunciação que “cai” no processo quase higienizante que muitas vezes se faz ao tomar uma transcrição de fala. Por essa razão acreditamos ser importante dar à fala sintomática uma instância de enunciação (e não só escutá-la como enunciado).

4. Discutindo aspectos metodológicos: um exercício de análise

Passaremos agora a analisar uma experiência de transcrição de um material de fala de uma paciente com 11 anos de idade, portadora de Síndrome de Down, que apresenta dificuldades predominantemente na expressão da linguagem. Trata-se de uma tarefa de transcrição de material registrado em vídeo solicitada a alunos de graduação em fonoaudiologia. Em um dado momento da sessão, a paciente apresenta um enunciado com um segmento de fala de difícil interpretação. Serão apresentados a seguir os recortes dessa tentativa de transcrição por parte de treze diferentes alunos/transcritores.

Contexto da sessão: paciente e fonoaudióloga brincando com panelinhas. Paciente fecha a tampa da panela e a alcança à fonoaudióloga.



1. Ai euoeoque ó!
2. Aier oiai ó!
3. Ai euoeoque ó!
4. Ainhãm. Aineiõneiô.
5. Alekieieooo.
6. ã...wo.
7. Añreyño. Olha aqui! Oureirw.
8. Erne, abrie. Oiaqui, poieó.
9. Pra mexê... Olha aqui ó... Pega aí ó.
10. ãrereo... Paraerô!
11. Airnhãm. Ai eueuquer oh.
12. Oleileô ueô. Olha di ó!
13. Abi. Ananideo.

O que difere uma transcrição de outra? Certamente não é a materialidade da fala (que, aliás, é a mesma). O que faz que diferentes ouvintes/falantes da mesma língua produzam transcrições tão heterogêneas entre si?

Não deve passar despercebido o fato de que há uma diferença significativa entre transcrições de pequena extensão (caso 6) e transcrições bem mais extensas (casos 7, 8, 9 e 11). Também é impressionante o fato de alguns transcritores reconhecerem apenas sons vocálicos nesse enunciado (casos 1 e 6) enquanto os demais recortam sons consonantais também. A forma com que cada transcritor lidou com as pausas igualmente chama à atenção. Enquanto a maioria dos alunos percebe apenas as pausas que ocorrem entre dois elementos do enunciado, há três transcritores que registram pausas mais extensas, por meio de reticências (casos 6, 9 e 10). Mas o que nos parece causar ainda maior surpresa é o fato de haver grande discrepância na discriminação entre palavras reconhecidas e palavras “nebulosas” (Neologismos? Massas amorfas/nebulosas?). Há algo aí que incide sobre o a posição que ocupa o



transcritor no ato de transcrição.

Cabe nesse momento recorrer à noção de escuta, que parece direcionar a apreensão que cada um dos transcritores seguiu na tentativa de recortar a massa sonora (significante?) com que se deparou.

É significativa a nota sobre as transcrições que abre o livro de Albano (1990: 03): “transcrever a fala corrente é sempre falseá-la”. A autora alerta que é um engano tecnicista pensar que alfabetos fonéticos dão conta da transcrição⁴. Encontramos nessa afirmação da autora argumento para relativizar a ilusão de objetividade que as transcrições fonéticas usualmente utilizadas no campo fonoaudiológico propõem.

Tudo indica que a tarefa de transcrição necessita mais elementos para dar um passo além da pura objetividade. Nesse sentido, concordamos com a abordagem enunciativa de Silva (2007: 197), ao apontar que a transcrição deve conter aspectos que levam em conta a *teoria*, o *corpus* e o *transcritor*. A *teoria*, no nosso caso, de ancoragem na perspectiva enunciativa de Emile Benveniste, requer uma fundamentação que dê conta das particularidades do aqui/agora singular de cada enunciação. O *corpus*, no caso deste trabalho tem origem na especificidade da fala sintomática. A análise de falas sintomáticas envolve a particularidade de enunciados e enunciações que carregam a marca de um desarranjo na fala. E, finalmente, a posição que o *transcritor* ocupa em uma transcrição é o que quisemos nesse trabalho destacar.

5. Encaminhamentos finais

Geralmente transcrição circunscreve o sintoma. A ideia aqui não é destacar através da transcrição aquilo que se aponta como fala sintomática, mas propiciar, através do estatuto da enunciação recortar a instância do enunciado.

⁴ Abaurre (1996: 147) igualmente denuncia esse mal-estar ao comentar a necessidade de *ilusão* da relação oralidade-escrita na análise de dados de aquisição da escrita.



A abordagem de falas *incompletas* requer sua leitura sempre em relação a outras falas⁵. Nesse sentido, a transcrição e análise de falas ditas sintomáticas indicam requerer uma contextualização que dê destaque à *escuta* que se faz do contexto enunciativo daquele dizer. Isso significa levar em consideração a integração dos níveis de análise linguísticos em sua interdependência. No contexto aqui analisado, parece que essa observação é fundamental. A noção de signo linguístico (cf. Saussure, 1974) é inicialmente constitutiva do recorte que cada transcritor faz das “massas amorfas” que se lhe oferecem à escuta. Decorrente desse recorte, podemos destacar a idéia de unidade que cada recorte significante/significado constitui em cada uma das diferentes transcrições. Surge conseqüentemente a possibilidade de lidar com o nível fonológico (Só vogais? Vogais e consoantes? Estrutura da sílaba? Relações entre os fonemas dentro da palavra?). Igualmente merecem ser destacados os aspectos supra-segmentais, marcados pelo uso de acentos e pontuação (ponto final, reticências, exclamação). As conseqüências morfo-sintáticas parecem vir à tona no momento em que o transcritor tem que lidar também com o recorte das unidades. Resta ainda integrar todos esses componentes que inicialmente parecem apontar para a *forma* do que foi dito na sua relação com o *sentido* que toma (ou não) esse dizer.

E podemos ainda perguntar: por que seria tão importante esse ato enunciativo de passar para o papel as falas que brotam no trabalho clínico com linguagem? Temos percebido que é de fundamental importância nos ocupar da relação oralidade-escrita na abordagem da fala sintomática.

Numa primeira mirada, podemos apontar que o apoio do material escrito é necessário para melhor se avaliar e compreender a forma peculiar com que cada sujeito enuncia. O material transcrito ajuda a enxergarmos o que circula de materialidade linguística entre terapeuta e paciente.

⁵ Poder-se-ia discutir aqui a noção de incompletude intrínseca à qualquer fala (cf. Milner, 1987). No entanto, destacamos aqui a aproximação de falas reconhecidamente marcadas pela incompletude, como é o caso da fala das crianças em fase de aquisição ou em sujeitos portadores de distúrbios de linguagem.



Todas essas variáveis estão em jogo naquilo que o transcritor parece poder ouvir (ou não) no momento da transcrição. Lidar com a fala de um paciente em atendimento fonoaudiológico como a fala de um interlocutor em condições de ocupar um lugar enunciativo parece também ser determinante na escuta que o transcritor imprime. Mas essa é uma questão que merece ser detalhada em um outro trabalho.

Referências bibliográficas

ABAURRE, M.B. Os estudos lingüísticos e a aquisição da escrita. In: *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

ALBANO, E. *Da fala à linguagem: tocando a fala de ouvido*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1990.

ALLOUCH, J. *Letra a letra – transcrever, traduzir, transliterar*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1995.

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1991.

_____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

FLORES, V.N. Por que gosto de Benveniste? (um ensaio sobre a singularidade do homem na língua). In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre: Ed. PUC/RS, v. 39, n. 4, p. 217--230, dez., 2004.

_____. Entre o *dizer* e o *mostrar*: a transcrição como modalidade de enunciação. In: *Organon- Sintoma e linguagem*. Porto Alegre: IL/UFRGS, n. 40/41, p. 61-75, 2006.

_____. Sujeito da enunciação e/ou sujeito do enunciado? Exterioridade teórica no campo da linguística da enunciação. In: *7º Encontro do CELSUL-Círculo de estudos lingüísticos do sul*, 2006, Pelotas - RS. Programação e Resumos do 7º CELSUL-Círculo de estudos lingüísticos do sul. Pelotas /RS: Editora da Universidade Católica de Pelotas-EDUCAT, 2006. v. 1. p. 80-80.

INGRAM, D. *Phonological disability in children*. London: Edward Arnold, 1976.

LAMPRECHT, R.R., MEHMET, Y. e HERNANDORENA, C.L.M. *Avaliação Fonológica da criança*. Porto Alegre: Artmed Editora, 1991.



LEMOS, C. Sobre aquisição de linguagem e seu dilema (pecado) original. In: Meisel, J., *Aquisição de linguagem*. Ed. Vervuert, 1986.

MILNER, J-C. *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

PYE, C., WILCOX, K. & SIREN, K. Refining transcriptions: the significance of transcriber "errors". *Journal of Child Language*, v.15, p.17-37, 1988.

RAMOS, A.P.F. *Avaliação e tratamento fonológico de crianças portadoras de fissuras do lábio e do palato reparadas na faixa etária de 4 a 9 anos*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PUCRS, 1991.

SILVA, C.L. *A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem*. Tese de doutorado. Porto Alegre, IL/UFRGS, 2007.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1974.

_____. *Escritos de linguística geral* (org. Bouquet & Engler). São Paulo: Cultrix, 2004.

SURREAUX, L.M. Benveniste, um lingüista que interessa à clínica de linguagem. In.: *Letras de Hoje*, v.39, nº 4, p. 79-87. Porto Alegre, 2004.

_____. *Linguagem, sintoma e clínica em clínica de linguagem*. Tese de doutorado. Porto Alegre, IL/UFRGS, 2006.

RESUMO

O presente artigo apresenta uma abordagem da transcrição de falas ditas sintomáticas a partir da perspectiva da lingüística da enunciação tal como proposta por Emile Benveniste. Serão desdobradas particularidades enunciativas em duas instâncias: em primeiro lugar, na particularidade da transcrição de dados de fala desviante e, em segundo lugar, no próprio ato de transcrição, que ocorrerá por parte do fonoaudiólogo ou pesquisador.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação, Fonoaudiologia, Linguística, Transcrição

ABSTRACT

This article presents an approach of a transcription of the symptomatic speeches based on the perspective of the linguistic of Enunciation proposed by Emile Benveniste. It will reveal enunciative particularities in two instances: first on the particularity of the speech's transcription of deviant speech and, second, on the own act of the speech therapist or researcher transcription.

KEYWORDS: Enunciation, Speech Therapy, Linguistic, Transcription